

## 16. Rádio Fronteira

**a arena se incendieira / as filhas dos dignitários são apresentadas à banda / um passeio pelo pretense bairro da luz vermelha / quem são os novos rolling stones com comentários do sr. jagger / o u2 em meio aos judeus**

COMO EM TODAS as cidades há uma multidão de garotos esperando por horas fora do hotel onde está o U2. Como em todas as cidades, Bono e Edge se aproximam, fazem pose para as fotos e dão autógrafos para eles, antes de sair para o local do show. Eu tive uma tarde cultural, visitando os museus incas/aztecas/maias com a “em-breve-de-saída” Ellen Darst e Morleigh Steinberg, uma dançarina/coreógrafa que preencheu a vaga de dançarina do ventre que ficou aberta quando a Zoo Tour passou a ser em espaço aberto. Uma californiana que viaja pelo mundo com a companhia de dança Iso, Morleigh conheceu o U2 em Los Angeles no final dos anos 80. Eles a convenceram a fazer os shows de verão e ela acabou dando para a banda sugestões de como se mover no palco para conseguir transmitir suas intenções até as fileiras do fundo. Muito mais auto-suficiente e independente que a maioria do pessoal da Zoo, Morleigh tem reservas reais quanto a colocar a sua carreira em espera para se juntar à turnê europeia na próxima primavera e verão. Esta noite poderá ser a sua última dança do ventre.

Todos os membros da banda estão curtindo o México e aguardando ansiosos por outro show como o da noite passada. Jantando com os membros da equipe, nos bastidores, Adam diz: “Tem sido tão bom, faz você pensar na possibilidade de fazer uma turnê pela América Latina”.

O U2 surge no palco voando alto esta noite. Eles iniciam “Zoo Station” com todas as bandeiras tremulando e Bono deslizando através do palco como o sobrinho pálido de James Brown. Eu estou de pé com o B.P. Fallon ao lado do palco quando vejo o que parece ser um grande novo efeito especial na audiência - duas linhas de uma chama vermelha convergindo para a escuridão no fundo do recinto. B.P. agarra meu braço e aponta freneticamente enquanto me dou conta que *aquilo não é nenhum efeito especial!* Aquilo é um incêndio! Os assentos estão muito perto uns dos outros e eles não são retardadores de fogo. A faixa WELCOME U2 que alguém fez com um lençol também não é. O lençol balançou no ar até a chama do isqueiro que um garoto estava segurando desatentamente embaixo dele, e agora o lençol está pegando fogo, partindo-se em fragmentos incendiados que flutuam pela multidão e caem sobre os assentos e - oh, inferno - os assentos estão começando a pegar fogo.

Eu olho para a banda - os três da frente estão absortos, arrebatados pela própria música. Apenas Larry, tocando sua bateria, está olhando com uma sombria concentração para o fogo que está se espalhando e as pessoas entrando em pânico na parte de trás do recinto. Uma figura passa voando por mim, correndo a toda velocidade do fundo do palco em direção a multidão. É Jerry Mele, chefe de segurança do U2. Ele voa pelo salão cheio de gente, pelo meio da apertada multidão de garotos dançando as músicas da banda e desaparece sob as arquibancadas da parte de trás. Eu nunca vi alguém se mover tão rápido, mas o fogo se movia ainda mais rápido. Edge acaba de ver, ele observa atentamente. Pessoas da parte de trás da arena estão se empurrando e correndo para as saídas. De repente, Jerry está entre eles - ele deve ter subido as escadas pelo lado de fora. Ele, com uma das mãos, orienta os assustados fãs

para filas organizadas enquanto que com a outra mão bate com algo - um casaco ou toalha - nas chamas e a prende com seus pés. Ajudantes locais e seguranças estão seguindo suas ordens, fazendo o mesmo. Todos os focos de fogo são apagados antes de a música acabar. Quando ele tem certeza que está tudo seguro, Jerry direciona os abalados fãs de volta para os seus assentos enegrecidos. Bono está com as emoções a mil, absorto, enquanto Adam está de pé perto do amplificador do seu baixo, sem prestar atenção a qualquer coisa para além dos holofotes.

Larry, entretanto, viu tudo. Quando faz uma pausa, o baterista diz: "Eu pensei: 'Agora é isso'. Eu imaginei que o lugar inteiro se incendiaria". Jerry Mele foi tão veloz e colocou as coisas sob controle tão rápido que o fogo se transformou em nada mais do que um "e por falar nisso" no final do show. As pessoas nos melhores lugares estavam prestando atenção à banda e não notaram. Mas, se Jerry não estivesse lá, a grande viagem do U2 à Cidade do México poderia ter se transformado em uma tragédia. É engraçado que os astros do rock são rotineiramente chamados de heróis, enquanto personagens como Jerry Mele apenas se encarregam de abrir a porta para eles.

Depois do show, o U2 tinha mesas reservadas para jantar no mesmo restaurante que eles assombraram na noite passada. Dessa vez quando eles chegam - um pouco depois da 1 da manhã - a banda e seus convidados têm todos os três andares do local para eles, exceto para algumas poucas crianças filhos de VIPs esperando no bar para serem apresentados ao U2. Bono assumiu o comando de uma mesa com a banda, os agentes, Blackwell, e outros figurões quando McGuinness aparece e diz com certa seriedade e meio brincando: "Vocês estão prestes a conhecer um antigo costume do Terceiro Mundo - as filhas dos chefes de polícia estão aqui. Elas querem conhecê-los e elas *ganharão* autógrafos".

As filhas dos chefes (ou talvez seja uma filha e uma amiga da filha - ninguém sabe ao certo) são adoráveis. Bono tem falado em ir conhecer a parte da cidade que os turistas não vêem, e quando conseguem chamar a atenção dele e apontá-lo para as filhas dos chefes, ele inocentemente pergunta por detalhes sobre o bairro da luz vermelha. Quais os melhores lugares para conhecer por lá? Até que horas o lugar fica agitado?

Bono não tem nenhuma intenção pecaminosa, mas isso pode não ter ficado aparente na tradução. Edge, percebendo que uma pessoa não se apresenta às filhas de policiais em países latinos perguntando sobre os bordéis, leva as duas jovens para outra mesa e as encanta por algum tempo. Finalmente elas dizem boa noite e ele volta para o lado de Bono, dizendo: "Elas me disseram que se alguma vez eu for preso no México, não há problema!"

Durante a refeição, outros jovens com bons contatos são escoltados para conhecer a banda e então enviados embora de novo. O cara no comando - eu imagino que era o dono do restaurante - vem frequentemente relembrar o U2 que, em honra a eles, ele fechou todo o seu clube nessa noite, renunciando todo o dinheiro que faria para que o U2 pudesse comer e beber sem ser perturbado. Depois da quarta ou quinta vez que ele faz esse anúncio, Larry, preocupado, inclina-se para Bono e diz: "Eu me pergunto: quanto dinheiro ele está perdendo, fechando o restaurante completamente?"

“É tudo balela”, Bono cochicha de volta. “Por lei, o local tem que fechar por volta da 1 hora nos domingos à noite”. Larry ri às gargalhadas.

Larry conversa um pouco durante o jantar sobre os seus planos para o feriado de Natal. Perguntaram-lhe se estaria interessado em fazer um teste para o papel de Pete Best, o baterista deposto dos Beatles, em um filme sobre os dias dos Fab Four em Hamburgo, mas ele teve que recusar porque entrava em conflito com a agenda da banda.

Edge me diz para experimentar umas deliciosas barras de nozes e acaba conseguindo que eu coma um punhado de amigáveis gafanhotos.

Larry é vegetariano; ele me pede para provar os nachos e ver se há alguma carne neles. Eu não mastigo nada nos nachos além de queijo e feijões, então digo para ele que está tudo limpo. Larry dá uma mordida, engole e diz: “Frango! É a primeira vez que eu como frango em quatro anos e a culpa é sua! Nunca esquecerei disso!”

“O que você acha que eu sou, o degustador da comida real?” Eu digo. “Não havia nenhum frango no pedaço que eu comi”.

“Viu só, Larry”, diz Adam, “você deixou um *estranho* provar a comida para você. Eu não estou sendo ciumento, mas se precisar de alguém para comer a comida do seu prato, você sempre deveria escolher o seu baixista”.

Bono tem um grande problema com o iminente retorno a Dublin. Sua esposa não o quer de volta. Bono admite que, depois de oito meses fora, a vida em turnê parece completamente normal para ele. Se ele acha que está conseguindo tirar isso do seu sistema, não está funcionando. “Por causa disso, minha adorável esposa sugeriu que eu não voltasse direto para casa”.

“Adam vai ficar num hotel por uma semana”, diz McGuinness.

“Eu também”. Bono confirma com a cabeça.

“Em Dublin?”

“Sim”, Bono admite. “Eu não quero, mas a Ali diz que é melhor. Alguns dias depois de voltarmos para Dublin teremos que estar num especial de TV. Só vai confundir as crianças se eu for para casa e começar a trabalhar de novo de imediato, e ela diz que as crianças ficarão magoadas se falarem comigo e eu não as ouvir. Então eu acho que vou passar a minha primeira semana em casa num hotel”.

Eu sugiro que Bono vá para casa e fique no porão por uma semana. Seus filhos poderiam ir até o topo das escadas e jogar comida para ele. Mas, claro, eles poderão continuar fazendo isso depois que ele sair em turnê novamente, o que seria patético.

“É engraçado”, diz Bono. “Eu realmente não sinto vontade de parar”.

“Bem”, eu digo, “talvez estes sejam seus cinco anos para trabalhar sem parar, fazer tudo o que você tem para fazer, então parar e se tornar um pastor ou algo assim”.

"Eu já sou um pastor, Bill", ele diz, sorrindo beatificamente. "Você não sabia?" Ele estende os braços para os seus discípulos, apóstolos e cambistas reunidos, e diz: "E estas são as minhas ovelhas".

Alguns membros da equipe dizem *béééééé*.

Depois de uma ótima refeição e muitos apertos de mão e mais alguns lembretes por parte do chefe que fechou o restaurante para o U2 essa noite, a banda se dirige para o outro lado da cidade para onde nos disseram que fica o bairro da luz vermelha. Sei lá. O lugar onde nos despejam é barulhento e divertido e há muitos bares e mulheres do tipo que se vê em bares, mas eu não acho que seja realmente um bairro da luz vermelha. Paul McGuinness caminha sem rumo absorvendo a atmosfera e puxando periodicamente uma máscara de oxigênio portátil da qual ele inala profundamente. Quase como uma figura do *Blue Velvet* ele pára de fazê-lo, também! Nos acomodamos num bar mariachi onde muitos do Principle dançam (alguns dizem que nunca tinham visto Larry Mullen dançar antes - eu acho que o despreveria como uma mistura do jovem Fred Astaire e do velho Jerry Lewis). Enquanto todos bebem, Bono desaparece por cerca de meia hora e volta alegando que encontrou um verdadeiro bordel. Tenho certeza que é uma mentira inventada para me torturar.

Enquanto a noite ameaça transformar-se em manhã, Adam e eu vagueamos pela Plaza Garibaldi. Há bares montados e vendendo bebidas ao ar livre, bandas de mariachis errantes tocando o que pedem, e libertinos tropeçando para fora de cada porta. Adam, que tem bebido o suficiente para que qualquer coisa que ele diga, tenha que ser engolida com um pouco de sal (e muitos copos de tequila), passeia pela praça e diz - não que alguém pense sobre si mesmo nestes termos - que o U2 agora está na posição que os Stones preencheram em 1972.

Eu posso sinceramente dizer a ele que tenho pensado exatamente a mesma coisa. A turnê de 1972 do Rolling Stones foi - sempre parecerá para mim e para todos os da minha idade - a melhor turnê de rock da história. Os anos 60 tinham acabado, os Beatles se separados, Bob Dylan tinha feito de tudo exceto se aposentar, Hendrix estava morto - e os Stones tinham acabado de se superar com uma ótima seqüência: *Begger's Banquet*, *Let It Bleed*, *Sticky Fingers* e com a monumental, de partir a cabeça, *Exile on Main Street*. Quando eles saíram em sua primeira turnê depois de três anos, cada jovem - menino ou menina - em todos os refeitórios dos colégios queriam se parecer com Keith Richards. Esses eram a segunda geração de fãs dos Stones. Os irmãos mais velhos, que curtiram todos os singles dos anos sessenta - “Satisfaction”, “Ruby Tuesday”, “Paint It Black” - podem não ter dado muita bola para o novo, mais pesado, mais grunge Stones, e por isso, os irmãos mais velhos sempre metiam a banda no meio de toda uma jangada de grupos britânicos dos anos sessenta. Os adolescentes em 1972 não sabiam ou se importavam com essa história; esse era o seu *Rolling Stones*, renascido fora da sombra dos Beatles como a maior banda do mundo.

Dizem que o U2 falou seriamente a respeito de chamar o *Achtung Baby* de *Cruise Down Main Street*, e a capa caótica e multi-imagem do álbum claramente evocou a capa de

*Exile*. Eu digo para o Adam que eu concordo com a comparação dele com os Stones de 72: uma década de singles de sucesso e garotas gritando. Agora vamos esquecer isso e pegar pesado.

“*Joshua Tree* foi um álbum pop”. Adam concorda com a cabeça. “Isso é rock”.

Ele menciona que já não existem muitas bandas reais por aí, bandas com quatro membros de mesmo nível, todos a bordo desde o início, todos trabalhando juntos. Eu digo: “Bem, R.E.M.”.

“Isso é uma coisa diferente”, diz Adam, ainda usando o vocabulário de 1972. “O U2 são os Rolling Stones, R.E.M. são os Crosby, Still, Nash & Young”.

Quando eu volto para Nova York, com quem eu acabo falando senão Mick Jagger. E o que vocês acham que Mick não parava de me dizer? Sobre todas essas novas bandas que estão tentando soar como os velhos Stones, até se vestem como os velhos Stones. Ele claramente se refere ao *Black Crowes* e àquela gente. Ele diz que pelo menos o U2 parece estar fazendo algo novo. Ele gostou muito do *Achtung Baby* e apesar de ainda não ter visto a Zoo TV, baseando-se em todas as descrições essa não é uma banda que está simplesmente olhando para trás, e não segue aquilo que alguém fez há vinte anos.

Na verdade, eu digo, eu estava tomando uns drinques com um dos caras do U2 e - entendam que isso foi apenas uma conversa de bar depois de algumas bebidas - ele estava comparando a posição do U2 hoje com a dos Stones há vinte anos.

“Isso é realmente estranho”. Jagger ri. “Eu sei que isso foi dito depois de muitas tequilas ou o que quer que seja, mas isso é bastante peculiar. As coisas eram tão diferentes naquela época, com aqueles minúsculos amplificadores e outras coisas. Não havia nada parecido com o que fizemos em 1972. Apesar de eu nunca ter realmente visto a Zoo TV Tour, ela não é nada parecida com qualquer coisa que tenha vindo antes, o que é bom. Não é 1972, é 1992 e eu gostaria que as pessoas se dessem conta disso. Eu não lembro de alguma vez ter dito: ‘Eu me sinto como Buddy Holly!’”

Ai! Aqui está o comentário crítico. Eu acho que estou tendo uma idéia, apesar disso. Vou simplesmente pegar os comentários do U2 de conversas de madrugada regadas a bebida e apresentá-los para outros músicos. Eu ligo para o Peter Buck e pergunto se ele sente que o R.E.M. são os novos CSN&Y: “Qualquer coisa menos isso!” ele exclama indignado.

Certa noite, na Cidade do México, Edge, Bono e eu nos envolvemos numa estranha e sinuosa discussão, nascida de uma das piadas de humor negro do roteiro do *Million Dollar Hotel*: “Os judeus não cometem suicídio; eles nunca precisaram”. Bono diz que os judeus em Hollywood inventaram o mito de uma América onde todos são iguais e a religião não importa, e então venderam esse mito para o país. Bono vê isso como um grande feito.

Edge pegou a ideia e disse: “No rock, os judeus são os melhores compositores por causa de seu rigor intelectual impiedoso”.

Bono amplifica a idéia: ele disse que a tradição intelectual judaica os leva a escavarem a verdade não importando onde serão levados. Eles não estão interessados, como tantas outras tradições estão, em provar que os virtuosos vencem ou que os triunfos coletivos se impõem ou que o poder torna certo ou Deus está do nosso lado ou o nosso país fez a coisa certa: os judeus seguem a verdade onde quer que ela os leve, e é por isto que os judeus são os melhores compositores.

Ok, eu digo, Bob Dylan, Paul Simon. Quem mais?

Bono e Edge começam a recitar uma lista impressionante: “Dylan, Simon, Leonard Cohen, Lou Reed”, e então Bono estraga tudo ao dizer: “Até o Neil Diamond uma vez ou outra...”

“Espera aí”, eu disse. “‘Longfellow Serenade’? ‘Song Sung Blue’? Alguma vez vocês ouviram falar na vez em que Dylan encontrou Diamond na praia, em Malibu, e disse: ‘Eu não ouvi você cantando algo sobre ‘Forever in Blue Jeans’? e o Diamond negou”.

Bono menosprezou o meu sarcasmo e perguntou: “Você sabe sobre do que se trata ‘I Am, I Said’?” [‘Eu sou, eu disse’].

“Sim, na verdade eu sei. Diamond estava em Hollywood fazendo sua estreia como ator no papel de Lenny Bruce na sua primeira tentativa de filmar a história de Bruce. *Me pergunto por que teria dado errado*. Ele estava passando por uma uma fase horrível, o filme não ia bem, e ele se sentou no camarim e escreveu aquela música sobre se sentir deslocado em Los Angeles e não fazer mais parte do Brooklyn de onde ele veio”.

Bono claramente teve a intenção de que sua pergunta fosse retórica: ele não estava esperando que eu realmente soubesse sobre a gestação de “I Am, I Said” [“Eu sou, eu disse”]. Mas, agora estávamos naquela espécie de competição na qual nenhum dos oponentes pode ceder um milímetro, então ele tentou uma abordagem diferente: “Como Javé se identifica no Gênesis?”

Eu vi onde isso ia acabar. “‘Eu sou quem sou’”, eu citei. “Na verdade, essa é uma construção gramatical interessante, sabe, porque...”

Bono me cortou: “*Eu sou*. Deus é descrito como o grande *Eu sou*. Então, naquela música, Diamond está chamando por Jeová. ‘*I am, I said*’ significa: ‘Deus, eu disse’. Para quem? Para ninguém lá em cima! E ninguém o ouviu, nem mesmo a cadeira! Consegue perceber? É uma música de desespero e perda da fé de um homem chamando por um Deus que não estava interessado!”

Cara, Bono vai dar uma grande volta para se esquivar de admitir que Neil Diamond não é um dos grandes compositores do rock. Talvez agora, alguns de vocês leitores estão se perguntando se este livro está fracassando, mas tenham paciência comigo. Se eu quisesse, eu poderia encher centenas de páginas com estes diálogos ociosos, de olho no próprio umbigo, entre o U2 e eu. Na maioria das vezes eu deixei de lado essas conversas fiadas de bar, porque imagino que seja uma coisa irlandesa, que vocês não entenderiam. Entretanto, eu incluí esse exemplo porque eu me interessei muito por essa noção politicamente volátil de que os judeus

são os melhores compositores. Eu tento falar sobre isso com Aimee Mann, uma compositora que eu admiro muito, e ela bate na mesa e diz: “Sim, sim! Absolutamente! Eu estou tão feliz por mais alguém dizer isso! Randy Newman! Jules Shear! Steely Dan!” e então ela continua, numa crítica severa sobre as mesmas virtudes da rigorosidade intelectual, não se conformando com os clichês suaves, e correndo atrás da verdade pura através do buraco do coelho do desapontamento e da angústia citados por Bono e Edge.

Cara, eu acho que estou descobrindo algo aqui. Para o inferno com o U2, eu vou escrever elaboradas peças de pensamento para a *Tikkun* e vou ao show de *Dick Cavett*. Então eu paro e me dou conta que as únicas pessoas que apoiam essas proposições são não judeus como eu. Eu preciso conseguir um judeu rigoroso e rebater essa bola de teorias provocativas contra a rígida parede do seu exigente intelecto. Então tento decidir para qual compositor judeu eu deveria ligar e acredito que o melhor deve ser Randy Newman, aquele californiano cínico que foi bastante citado no auge da febre do *Rattle and Hum*, por declarar que nunca soube que o apartheid estava errado até ouvir do U2: “Então as escamas simplesmente caíram dos meus olhos!”

“Você sabe, Randy”, eu digo enquanto ele tenta lembrar quem eu sou, “o U2 diz que os melhores compositores de rock são judeus, e Aimee Mann também diz o mesmo”.

“Caramba”, diz Newman. “Eles disseram mesmo? Estou procurando uma defesa. Neil Young e, hum, há muitos outros. Eu não sei nada sobre isso. Duas pessoas diferentes disseram isso? Isso é estranho. Dylan, no seu auge, era provavelmente o melhor que se poderia ser, e Simon tem sido tão consistente como ninguém. Não há dúvida quanto a isso. Sabe do que se trata? Os judeus querem ser tão americanos! Pense em Irving Berlin compondo: “Newman começa a cantar como Al Jolson: “*Eu estou ligado ao Alabama!*” Ele nunca esteve no Alabama e se esteve, eles o expulsaram de lá! Talvez ele estivesse ali de passagem. E meu material é tão americano que isso me preocupa. É como eu *queria* ser. Eu pego estes cinco anos que passei em Nova Orleans quando era bebê e me agarro a eles com todas as minhas forças como uma espécie de prova de que eu sou americano”.

Isso é interessante, eu digo. Se a aspiração insatisfeita de soar como um verdadeiro americano é o que faz um bom compositor de rock, isso explicaria os canadenses—Cohen, Young, Robbie Robertson, Joni Mitchell. Isso explicaria todos os que vieram da Inglaterra e da Irlanda...

“Neil Young e Joni Mitchell estão entre os dez melhores de todos os tempos, com certeza”, Newman diz. “Eles são realmente interessados e vêem as coisas de fora para dentro. Veja o Prince, um dos melhores de todos os tempos. Há um que eles esqueceram. As letras do Prince são *muito* boas”.

Bem, nós continuamos corajosamente com esse papo até o seu amargo desenredo. Aparentemente, não é que os judeus sejam os melhores letristas de rock. É que os cristãos americanos brancos são os piores.